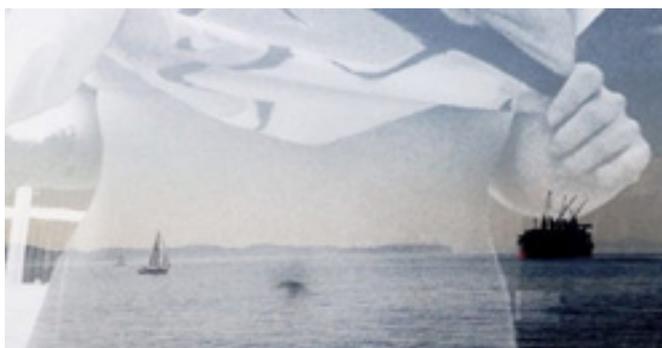


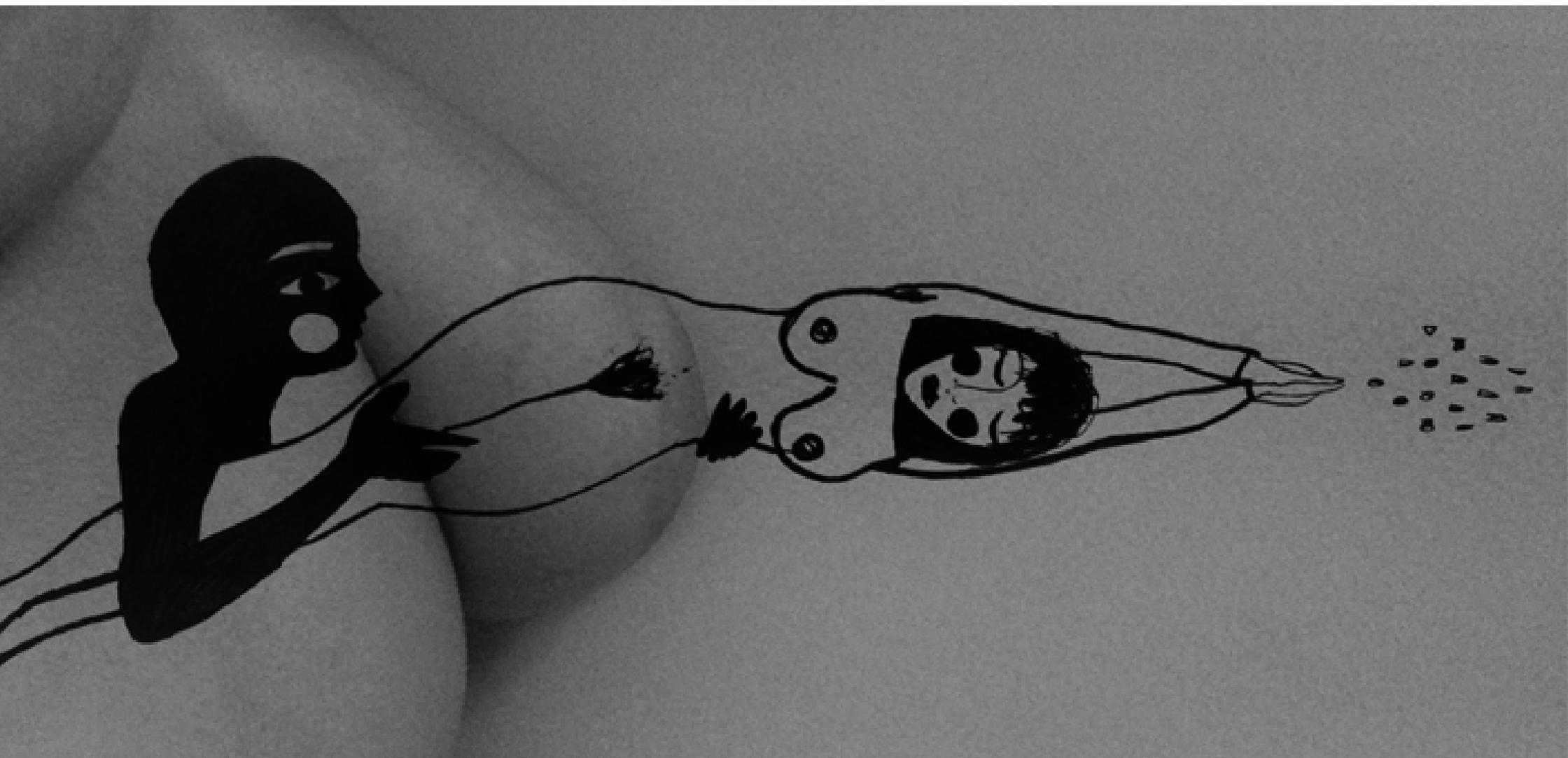
Mestranda em Antropologia Social,
Universidade Federal de Goiás,
Goiânia, Goiás, Brasil.

SOPHIA FERREIRA PINHEIRO

INSERÇÕES CORPÓREAS: O CORPO (É) CHAMA







OUR BODY IS A WEAPON





SOPHIA FERREIRA PINHEIRO

INSERÇÕES CORPÓREAS: O CORPO (É) CHAMA

Neste ensaio visual, o meu campo é o meu corpo. Passei a observar mais o meu corpo quando comecei minha pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, trabalhando com antropologia visual e gênero com as mulheres indígenas. Talvez este ensaio seja uma maneira de expressão máxima, uma tradução de uma experiência que vivi em campo¹.

Certa vez, na aldeia Guarani-Mbya Koenju, em São Miguel das Missões, eu e Patrícia² estávamos conversando no quintal da casa da mãe dela, quando Luana, sua sobrinha, chegou. Luana tinha na época quase dois anos. Carinhosa que só, começou a fazer chamegos em Patrícia e, como uma gatinha que se esfrega entre as pernas, foi ganhando espaço entre as coxas de Patrícia, que conversava com ela em guarani – as duas rindo muito –, até que Luana deita em seu colo, levanta sua blusa e começa a mamar em seus seios. Ainda não consigo descrever muito bem aquela cena. Não sei se narro as feições serenas de Patrícia, oscilando com um leve tom de brincadeira, ou se narro os olhos fechados de Luana e seu leve sorriso com a boca no bico do peito.

Aqui, não quero me ater à contextualização desse momento, que seria longa, mas ao calor e ao rubor que subiram pelo meu rosto ao presenciar essa cena. Nesses segundos que pareceram horas, antes que eu

1. Neste ensaio visual, o campo é o meu corpo.

2. Protagonista da pesquisa que desenvolvo no mestrado, é a mulher indígena cineasta mais atuante do projeto *Vídeo nas aldeias*. Para saber mais, ver Pinheiro (2015a; 2015b).

pudesse pensar no próprio contexto daquela situação e me retirar do transe que aquele momento me impôs, Luana veio até mim e, com suas mãozinhas delicadas, tentou levantar também a minha blusa. Patrícia ao meu lado ria, outras pessoas que estavam um pouco afastadas de nós também. Eu disse à Luana: “ih, não dá, estou usando sutiã!”, o que na hora foi como um alívio, mas logo em seguida fiquei triste. Que defesa do meu corpo é essa, que não me deixou experienciar aquele momento? Por que senti uma estranheza presenciando aquela cena entre Patrícia (que não tinha leite) e Luana? Que regras são essas que dominam as minhas vontades e colocam sobre mim pudores: pudor do meu corpo, dos meus seios expostos em público; o pudor em ter, sugando os meus seios, uma criança que nem sequer é “minha”; e o pudor de sentir... Que fronteiras são essas? Por que eu me censurei?

Depois disso, acho que entrei no meu campo. Entre algumas manifestações políticas por meio de “orgias visuais”, quero destacar as do empoderamento do corpo. As veias do corpo desenham a cartografia de cada espaço que habitamos, demarcam nossos territórios vivos, invisíveis de baixo da pele. A pele, esse órgão extenso que também sente. Todo o corpo é zona de prazer. Aliás, sempre achei meio esquisito atribuímos ao coração todas as manifestações de sentimentos, enquanto é a pele que arrepiada e transmite ao cérebro as sensações básicas de quente e frio e até as pulsantes, como o tesão.

Quando o corpo doa os “doces abraços do eu”, o espaço vazio habita entre um corpo e outro – fronteira. O momento em que os outros reagem em relação a mim, o momento do confronto – fronteira. A fronteira do humano, nosso corpo como arma, resistência e subversão. Todo corpo é uma fronteira? Possuir, além da tensão, o tesão das fronteiras: “não temos mais do que nossa pele”, diz uma camponesa mexicana sem-terra que participa de uma forma de luta (que inventaram), usando seus corpos como lugar de resistência política e social, no filme *Los desnudos* (2012), de Clarisse Hahn. Elas protestam nuas, reivindicando suas terras. Corpo, campo. Muito além da sonoridade, duas palavras que se coabitam.

texto recebido

15.03.2016

texto aprovado

01.09.2016

As imagens presentes neste ensaio são do meu corpo. Meu corpo em intervenção com linguagens artísticas como fotografias, desenhos, sobreposições e um desenho. Tentei expressar, por essas imagens, algumas experiências que vivo em campo.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Pinheiro, Sophia Ferreira. 2015a. A imagem como arma: as cineastas indígenas do Vídeo nas Aldeias. In: Comunicação, REA/ABANNE – V Reunião Equatorial de Antropologia, XIV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, Maceió. http://eventos.liverra.com.br/trabalho/98-1021220_30_06_2015_19-08-36_6197.PDF (acessado em 19/09/2016)

Pinheiro, Sophia Ferreira. 2015b. A imagem como arma: as trajetórias das mulheres indígenas brasileiras na autorepresentação e produção imagética contra as opressões de raça, gênero e classe. In: Comunicação, ANPOCS – 39º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu. http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=9900&Itemid=461 (acessado em 19/09/2016)

SOPHIA FERREIRA PINHEIRO

Mestranda em Antropologia Social no PPGAS/UFG e graduada em Artes Visuais Bach. Design Gráfico pela FAV/UFG. Fez mobilidade acadêmica por um ano na UFRJ em Comunicação Visual - Design (2011/2012) e mobilidade acadêmica por um mês no PPGAS/UFRGS (2015) dentro do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual/PPGAS/UFRGS) e no Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT/PPGAS/UFRGS). Realizou iniciação científica PIBIC/CNPQ em Narrativas Híbridas pela FAV/UFG (2013). É co-fundadora do Coletivo FAKE FAKE (2008), coletivo colaborativo de artistas visuais. Atualmente é coordenadora externa do projeto FAKE FAKE ilustraciones como Projeto de Extensão da FAV/UFG. Participa do núcleo de pesquisa IMPEJ - Núcleo de Etnologia Indígena (PPGAS/UFG) e do Projeto de Extensão AntropoCine - Ciclo de Cinema e Debates Antropológicos (PPGAS/UFG). Atua como pensadora visual, interessada nas poéticas e políticas visuais, processos de criação e na antropologia e/da arte.